**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NA MÚSICA *XOTE DAS MENINAS* DE LUIZ GONZAGA**

Francisca Joilsa da Silva

Graduada em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas e discente do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Especializando em Metodologia de Ensino em Língua Portuguesa, Literatura e Artes na Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI), e-mail: joilsasilva@hotmail.com

Maria Ameliane Figueredo de Oliveira

Graduada em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas e discente do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Especialista em Literatura e Ensino pela Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Rio Grande do Norte (IFRN), e-mail: amelianediva@hotmail.com

Francisca Jucélia da Silva

Graduada em Letras – Habilitação em Língua Inglesa e suas Respectivas Literaturas e discente do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Especialista em Linguística Aplicada pela Universidade do Estado do Rio Grande Norte (UERN) e discente do Curso de Especialização em Neurolinguística na Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI), e-mail: juceliasilva2006@yahoo.com.br

**RESUMO**: Nosso trabalho tem por finalidade estudar como se constrói a identidade feminina na música *Xote das Meninas* de Luiz Gonzaga, identificando como a mulher é vista nessa letra, visualizando de acordo com a época da composição da música. Como é um tema que não é novidade, mais são poucos estudos realizados nessa perspectiva de estudo, contamos com os teóricos Stuart Hall (2011), Marcelo e Rodrigues (2012), Silva (2003), Lucena (2003), Muraro e Boff (2010), dentre outros. A metodologia utilizada nesse estudo se dar com o método dedutivo, pois a pesquisa vai abranger a identidade em um aspecto amplo, para assim chegar mais especificamente na identidade feminina exposta na canção de Luiz Gonzaga. A pesquisa é de caráter histórico, comparativo e descritivo, tem caráter qualitativo enfocando análises da identidade feminina na canção do Rei do Baião. O nosso estudo constitui-se como descritiva por descrever a mulher nessa época descrita na música *Xote das Meninas*, no qual realizaremos uma amostragem probabilista. Nesse sentido buscaremos analisar essa identidade feminina a partir dessa canção de Luíz Gonzaga, e refletir como gênero forró, e o Baião antes visto como forró pé de serra, vem trazendo outras ramificações de forró, e as mulheres continuam sendo símbolo de expiração para as composições de muitos estilos de forró existentes.

**Palavras-Chaves**: Identidade. Feminino. Canções. Forró. Cultura Nordestina.

**CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

No nosso estudo pretendemos abordar como se constrói a identidade feminina na canção *Xote das Meninas* de Luiz Gonzaga. E como essa identidade é construída a partir do enfoque cultural e social exposto nessa composição de Gonzaga. Focalizando a mulher e mais especificamente a nordestina, como uma identidade em transformação, e a importância dessa identidade feminina exposta em muitas canções do “Rei do Baião”, mostrando sua evolução ao longo da história.

O forró é um estilo musical apreciado na Região Nordeste e por todo país, e teve sua expansão por intermédio de um de seus percursores, Luiz Gonzaga. No ano de 1940, Gonzaga começou sua luta para conseguir um espaço e mostrar o seu talento musical cantando o som do Nordeste. Nesse sentido, mudanças ocorreram ao longo dos anos e a música nordestina passa por diversos ritmos musicais como o baião, xote, xaxado, e o forró pé de serra, forró tradicional, forró universitário, forró pop, forró elétrico ao forró escrachado.

Ao ouvir as músicas de forró, notamos que a mulher nessas letras ao longo das décadas vem sendo estereotipada, muitas vezes tratada como um corpo bonito em que a sexualidade é “escrachada” sem nenhum pudor. Contaremos com vários teóricos que estudam a respeito das identidades, dentre eles Stuart Hall (2011), que tem pesquisas realizadas sobre vários tipos de identidades, nos ajudando a compreender melhor a identidade feminina, e possíveis respostas para mudanças ocorridas ao longo dos anos. Já Marcelo e Rodrigues (2012), Silva (2003), Lucena (2003), Muraro e Boff (2010), dentre outros, vão estar nos subsidiando com informações sobre a história da mulher, do forró e do nosso Rei do Baião.

Então, objetivando como se constrói a identidade feminina na canção de Luiz Gonzaga, assim, para a realização desse trabalho levaremos em consideração a época que a letra da música selecionada foi escrita, e como a mulher está sendo representada nesse gênero de música popular. Procuraremos observar como a mulher é vista na década de 50, época em que foi escrita a música, assim, compreender a evolução do Baião, Xote, Xaxado para os vários estilos do forró que conhecemos hoje.

A identidade feminina vem sendo estudada por vários vieses, nos quais vemos a mulher e suas diversas faces, essa representação da mulher vai se estagnar na formação social e cultural de uma comunidade e para termos um melhor aprofundamento sobre essa identidade feminina e justificar o porquê desses fatos estarem acontecendo no contexto atual, procuraremos estudar a identidade feminina e suas práticas sociais.

Para realização do nosso estudo, utilizaremos o método dedutivo, isso por nossa pesquisa tratar-se de uma forma mais ampla de identidade, e chegarmos, mais particularmente, na identidade feminina exposta na canção escolhida de Luiz Gonzaga. Nossa investigação configura-se como uma pesquisa de caráter histórica, comparativa, bibliográfica e descritiva, o corpus utilizado é a letra da canção *Xote das meninas* do Rei do Baião (Luiz Gonzaga), realizando um estudo que procure nos condicionar informações necessárias para desenvolver como a identidade feminina vem sendo tratada na música de Gonzaga, e como essa identidade está se tornando estereotipada.

Assim, este estudo tem na sua abordagem um caráter qualitativo, enfocando uma análise da identidade feminina na canção de Luiz Gonzaga. Sendo a canção expressão de uma cultura, percebemos a grande importância da canção, evidenciando a ligação da música com a literatura poética.

**Contexto histórico do Forró**

Faremos um breve percurso da história do forró, relatando um pouco da vida e da contribuição que o “Rei do Baião” (Luiz Gonzaga), assim como ficou conhecido em todo Brasil, deixando na cultura musical do país, um grande acervo de músicas com ritmos e composições que representam os nordestinos. Sendo o pioneiro na divulgação dos ritmos do nordeste (Baião, Xote, Xaxado), e que hoje conhecemos como o gênero “Forró”, e foi com o Baião, que proporcionou uma divulgação da música nordestina, nacionalmente e internacionalmente.

A origem do forró tem várias versões, a mais reconhecida é apresentada pelo o historiador/pesquisador Câmara Cascudo, no seu livro “Dicionário do folclore brasileiro” ele expõe vários significados de palavras que fazem parte da cultura nordestina.

**Forró.** Música e dança surgida por volta da segunda metade do século XX, com a migração de nordestinos para Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo, [...] O forró tem sua origem explicada também nos bailes que os chamados “gringos” radicados no nordeste do país promoviam *for all*, ou seja, para todos, nos quais era permitida a presença da população local. De *for all* para forró teria sido uma passagem natural. (CASCUDO, 2002, p. 249 – 250).

Câmara Cascudo foi um dos maiores historiadores do Rio Grande do Norte, estudando a cultura do nordeste, em que todos os seus estudos eram direcionados as manifestações culturais dos nordestinos. Sendo o forró uma expressão da cultura nordestina, que além de alegrar os nativos, também os descrevem no seu dia a dia, esse gênero ao longo dos anos vai ganhando espaço, e destacando o nordeste na música popular brasileira. E existem outras fontes que se posicionam a respeito da origem do forró, como podemos encontrar o significado no Minidicionário Aurélio “**for.ró** sm. bras. Pop. 1. V. arrasta-pé. 2. Música nordestina de gênero variado e dança semelhante ao baião, porém com andamento mais acelerado, típicas desses bailes.” (FERREIRA, 2008, p. 415).

O forró tem diversos ritmos como baião, xaxado, xote, dentre outros, que se tornam uma dança marcante, tendo como instrumentos principais a sanfona, o triângulo e o zabumba. Foram esses instrumentos que denominaram o ritmo de todo um povo, caracterizando, assim, esse gênero musical em uma identidade nordestina. O som que dá ao povo sertanejo o prazer de dançar, ouvir e cantar um forró de raiz, com composições bem feitas e nas quais suas melodias podem ser encontradas uma beleza inigualável, e que retratam bem o homem nordestino, suas alegrias, emoções e sofrimentos.

Assim, o forró nasceu da cultura popular dos nordestinos, de suas manifestações que descrevem a vida desses homens e mulheres. As temáticas expostas nas músicas abordam sempre o cotidiano, a mulher, os relacionamentos amorosos e falam da situação climática que é uma das causas de sofrimento desses sertanejos, a seca no nordeste. Esse povo sofrido, por viverem em situações críticas proporcionadas pela seca e pela miséria, tem que deixar suas terras para procurarem melhores condições de vida em cidades maiores. Deixando, portanto, muitas vezes de serem escravos dos coronéis, e saírem em busca de melhores condições para a sobrevivência.

Contudo, é nesse novo espaço, que música regional do nordeste ganha lugar nesse mundo musical. Sendo o forró um ritmo típico da região nordeste, foi se destacando ao longo dos anos, por intermédio do músico Luiz Gonzaga Nascimento, que tornou a música nordestina conhecida e respeitada por todo o Brasil. Ele foi e é um dos grandes nomes que fez a música popular brasileira destacar-se dentre tantos outros ritmos presente no ano de 1945.

Segundo Dionísio, Machado e Bezerra (2005, p.107) “A canção é um gênero híbrido, de caráter intersemiótico, pois é resultado da conjugação de dois tipos de linguagens, a verbal e a musical (ritmo e melodia).” Dessa forma, a identidade da canção é divida em competências verbais, musicais e lítero-musical, e a última citada tem aproximação com a poesia.

Assim, a canção popular se assemelha à poesia, pois na canção está presente a influência da voz, da fala no canto, a canção popular se caracterizou por vivenciar mais de perto a voz e o canto do povo mais humilde, se distanciando da chamada música erudita que é mais formalista. E como a canção popular é simples na sua estruturação.

Em suma, acreditamos que a canção popular brasileira é muito rica, com diversas canções históricas que ultrapassam o tempo, fazendo sucesso em qualquer década que seja ouvida, pois são obras primas da música. Assim como nas canções de Luiz Gonzaga que têm toda uma fala cantada, com letras, ritmos e melodias incomparáveis, trazendo a representação das mulheres nordestinas em suas canções.

**Identidade feminina**

Ao percorrer a história das mulheres, percebemos que é um ser de extrema força e coragem, independente da ascensão social, etnia e cor da pele, pois elas fazem parte do mesmo universo feminino. Desde os tempos mais primórdios, as mulheres eram vistas, desde o seu nascimento, como um ser sem grande importância, sendo a preferência dos pais pelo filho homem, o qual levaria o nome e os negócios da família adiante.

Dessa maneira, as mulheres eram apenas educadas para lidar com os afazeres do lar, saber organizar a casa, costurar, lidar com os criados, para que assim encontrassem maridos e, posteriormente, pudessem cuidar de sua família. Isso, quando era uma mulher de berço (rica), enquanto as mulheres pobres tinham que auxiliar as mães a cuidar dos irmãos e trabalhar junto com ela, independente do serviço enfrentado pelos pais para sobrevivência de todos, fora a outras mulheres que eram usadas como objetos sexuais.

Esses costumes da criação da mulher tem em si um processo histórico muito amplo, isso devido à sociedade, que sempre teve o poder patriarcal, como referência de leis a serem cumpridas, no qual a mulher era submissa ao o homem. No entanto, esse contexto vem passando por modificações, principalmente, porque as mulheres ganharam ao longo dos anos o direito de ter voz ativa, e estão tentando mudar a concepção de que o homem, por ter maior força braçal, era único capaz de sustentar a família e ter mais acesso à educação, tudo isso vem se modificando, pois a mulher vem construindo assim uma nova identidade.

A identidade feminina passa por um processo de transformação interior a partir do momento em que a mulher passa a perceber como é tratada na família e comandada pela sociedade, que tem enraizado em sua cultura costumes que favorecem só aos homens. Sendo assim, as mulheres de uma forma geral carregam consigo um enorme fardo, como as menos favorecidas economicamente, pois as que tinham a seu favor um “sobrenome” muitas vezes não se incomodavam em serem tratadas feitas bonecas de luxo, prontas para fazer excelentes negócios.

Dessa forma, essas identidades passam por todo um processo social e cultural que estipulam valores, mas o único “sujeito” a ser manipulado são as mulheres. É importante buscarmos respostas sobre a questão de identidade, a qual se modifica constantemente, passando por transformações influenciadas pelo meio ao qual vive, pois é através da sociedade que ocorre a modificação do individuo.

A noção do sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava. [...] A identidade nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores , tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. (HALL, 2011, p. 11–12).

Os valores impostos pela sociedade fazem com que as mulheres e homens também sigam esses princípios, sem coincidir com aquilo que eles realmente acreditam e queiram para suas vidas, muitas vezes é como se fossem obrigados a seguirem essas regras socioculturais de uma época. Nesse sentido, vemos como é complexo falar sobre identidade e, em especial, sobre a feminina que tem um histórico existencial ligado diretamente ao homem, pois a mulher desde a criação do mundo sempre foi vista como um ser submisso ao homem.

Tendo em vista que o período ao qual se refere a citação acima é na década de 50, os chamados “Anos Dourados”, e que as revistas das épocas abordam a vida social das “moças de família” eram aquelas que nasciam em famílias ricas, e tomavam todas as precauções possíveis para serem bem vistas como damas da sociedade. E essas seguiam fielmente os padrões estabelecidos pelos pais, e depois do casamento na vida conjugal era dominada pelo marido.

A vida sexual feminina, cuidadosamente diferenciada da procriação, também permanece oculta. O prazer feminino é negado, até mesmo reprovado: coisa de prostitutas. A noite de núpcias é tomada de posse da esposa pelo marido, que mede seu desempenho pela rapidez da penetração: é preciso forçar as portas da virgindade como se invade uma cidadela fechada. Daí o fato de tantas noites de núpcias se assemelharem a estupros cujo relato é indizível. (MATOS e SOIHET, 2003, p. 16–17).

A sexualidade da mulher sempre foi posta como um tabu, em que ela própria não tinha conhecimento do seu corpo, e das próprias necessidades sexuais, pois elas não tinham nenhum tipo de informação a respeito das mudanças que ocorrem no corpo de uma mulher. Ao casar, elas não tinham liberdade de opinar ou de se impor diante do ato sexual, sendo imposta para mulher como algo maravilhoso, isso dependendo do parceiro, muitos maridos tinham no ato sexual mais uma forma de possuir a mulher de forma grotesca, para assim mostrar a mulher que o corpo ali exposto era de uso integral dele, e assim usá-lo da forma que achasse melhor, como um objeto.

Além do mais, o seu corpo carrega um pesado e complexo aparelho reprodutivo que inclui tanto a menstruação, defloração, gravidez, parto, amamentação – indo até a menopausa – quanto o útero, os ovários, os seios e muito mais zonas erógenas que o homem. Este possui apenas um pênis e dois testículos. Por ser mais simples, o corpo do homem carrega uma grande carga de fantasias, mas o da mulher não, porque o corpo dela carrega a realidade que é a vida. (MURARO e BOFF, 2010, p.162).

Como a mulher é a única capaz de dar vida a outro ser, isso a torna um ser especial, mas sem grande reconhecimento, sendo vista muitas vezes só pelo seu corpo, e ser portadora do aparelho reprodutivo. Mudanças foram acontecendo ao longo do tempo, e a mulher foi crescendo perante os olhos dos homens e da sociedade. Assim ocupando lugar almejado na sociedade em diversas esferas sociais. Embora conquistada através de muitas lutas, mas não desistiu de conseguir seus direitos, deixou de ser submissa ao homem e passou a se posicionar perante seus próprios desejos e objetivos perante a sociedade.

No Brasil, o período de 1934 a feminista Bertha Lutz, participou do movimento grandioso e ousado, pela busca dos direitos das mulheres, em que participava do grupo feminista que faziam suas reivindicações em diversos países, manifestações que exigiam seus direitos de cidadãs, direito a se envolver na política, e o de trabalhar.

Outra mulher que enfrenta e estava presente na luta feminista é a potiguar Nísia Floresta, que reivindica os direitos da mulher através da sua escrita, assim nos afirma Bonnici e Zolin, (2003, p. 165).

O feminismo no Brasil oitocentista, por sua vez, desenvolveu-se ao lado dos movimentos em prol da abolição dos escravos e da proclamação da república. A republicana e abolicionista Nísia Floresta Brasileira Augusta (pseudônimo de Diónisia Gonçalves Pinto) foi, também, a primeira teórica do feminismo no Brasil. Seu primeiro livro, *Direitos das mulheres e injustiças dos homens* (1832), inspirado no *Vindications of the Rights of Woman*, de Wollstonecraft, põe em discussão, a partir de conceitos e doutrinas do iluminismo europeu, os ideais da mulher de igualdade e independência, configurados pelo direito à educação e à vida profissional, bem como o de serem consideradas como de fato são: seres inteligentes e capazes, portanto dignos de respeito.

As lutas pela conquista do espaço da mulher foram muitas, pois ultrapassam os séculos de preconceitos e submissão que não foram fáceis, até mesmo nos dias atuais as mulheres, ainda, são vistas como inferiores aos homens em alguns aspectos, principalmente na área profissional. Apesar de que, também já conseguimos espaços importantes na sociedade, pois temos a primeira mulher na presidência no Brasil, e são muitas mulheres que mudaram vivendo de forma “livre”, responsáveis pelos seus próprios atos, e buscando melhores *status* financeiros, mas também têm as mulheres que ainda vivem subjugadas ao homem.

As mulheres do nordeste são vistas com preconceito primeiro por nascerem mulheres, e segundo por serem nordestinas, pois as mulheres sertanejas são estereotipadas como sendo mulheres “jecas” que não têm nenhum tipo de educação e se comportam grotescamente isso só por serem nordestinas. No nordeste, como em qualquer outra região do país, a mulher é imposta a regras estipuladas pela sociedade, como também, existe a mesma diferenciação no tratamento das mesmas, isso, de acordo com sua posição econômica.

Essas mulheres batalhadoras, mesmo enfrentando trabalhos pesados, e sem ter muita consciência, sem nenhum tipo de incentivo ou conscientização, vão aos poucos exercendo um papel importante para a classe trabalhadora do nosso país, apesar de ser criticada por uma sociedade em que o direito de trabalhar e ganhar dinheiro era de inteira responsabilidade dos homens. Outra realidade enfrentada pelas mulheres nordestinas é o preconceito de não poderem frequentar a escola, e assim não conseguirem acessão profissional, e sempre estarem fadadas àquela vida de trabalho duro, seja na roça, cuidando dos filhos que nasciam com frequência, costurando para fora e outras atividades que só à mulher cabia fazer.

Nesse sentido, com o passar das décadas e com o movimento feminista, se espalhou no mundo inteiro, chegando ao nordeste. Muitas mulheres começaram a buscar seu espaço junto a uma sociedade, que critica à vida do outro, e como individuo do mesmo espaço, sofrem na sua identidade mudanças, que a própria sociedade impõe quem você é, e o que você deve fazer para permanecer igual aos rótulos imposto por ela.

Dessa forma, a mulher do cotidiano desempenha vários papéis, sendo mãe, esposa, dona de casa, trabalha fora e muitas vezes a única provedora do sustento da família, construindo assim várias identidades no seu cotidiano. No entanto, mesmo tendo avançado, e constantemente carregando um fardo maior de obrigações, a mulher ainda é vista com preconceito, pois é visada como o sexo “frágil” que não tem condições de ser reconhecida como ser capaz e pensante, podendo ir longe em suas ambições.

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. [...] Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. As partes “femininas” do eu masculino, por exemplo, que são negadas, permanecem com ele e encontram expressão inconsciente em muitas formas não reconhecidas, na vida adulta. (HALL, 2011, p. 38- 39).

O conceito de identidade é muito complexo, pois cada indivíduo forma a sua identidade ao longo de sua existência, a identidade pode ser constituída dentro da personalidade de cada um e vai se modificando de acordo com as influências impostas pela sociedade em seus diversos aspectos: cultural, social, econômico e étnico.

Dessa maneira, vemos que tanto as mulheres nordestinas como todas as mulheres sofreram e sofrem preconceitos, mesmo assim elas não se deixam abater, não deixam que sua feminilidade, sua coragem, seu otimismo se deixem abalar pelas regras sociais e culturais do contexto socioeconômico em que vivem.

**Análise da música *Xote das meninas***

Diante dos estudos realizados sobre a canção de Luiz Gonzaga, e conhecer um pouco sobre a história da mulher e as várias formas de preconceito imposto ao ser feminino, iremos mostrar na música *Xote das meninas* em que construiremos a identidade feminina a luz da visão de Luiz Gonzaga apresentando essa “menina/mulher” como musa inspiradora, sedutora, símbolo sexual, forte e corajosa, ao mesmo tempo transmitindo as tradições culturais do sertão Nordestino.

Iremos ver na canção *Xote das meninas*, a transformação do amadurecimento feminino, refletido no seu corpo e nos seus comportamentos, e de forma magnifica Gonzaga e Zé Dantas descreveram, fazendo referencia a vegetação e ao clima do sertão nordestino.

**Xote das meninas (1953)**

**Composição: Luiz Gonzaga/Zé Dantas**  
Mandacaru  
Quando flora na seca  
É o sinal que a chuva chega  
No sertão  
Toda menina que enjôa  
Da boneca  
É sinal que o amor  
Já chegou no coração...  
  
Meia comprida  
Não quer mais sapato baixo  
Vestido bem cintado  
Não quer mais vestir timão...  
  
Ela só quer  
Só pensa em namorar  
Ela só quer  
Só pensa em namorar...  
  
De manhã cedo já tá pintada  
Só vive suspirando  
Sonhando acordada  
O pai leva ao dotôr  
A filha adoentada  
Não come, nem estuda  
Não dorme, e nem quer nada...  
  
Ela só quer  
Só pensa em namorar  
Ela só quer  
Só pensa em namorar...  
  
Mas o doutor nem examina  
Chamando o pai de lado  
Lhe diz logo em surdina  
Que o mal é da idade  
E que prá tal menina  
Não há um só remédio  
Em toda medicina...  
  
Ela só quer  
Só pensa em namorar  
Ela só quer  
Só pensa em namorar...

Link: <http://www.vagalume.com.br/luiz-gonzaga/xote-das-meninas.html#ixzz2OljdgcZ1>

Nessa canção que vem nos mostrar o desabrochar da menina para a fase da pré-adolescência, no qual ele utiliza uma planta da família das cactáceas mais que conhecida no nordeste de “Mandacaru”, por ser uma planta que resiste à seca, e floresce quando tem chuva.

E utilizando-se de recursos estilísticos que marcam o romance sonhado pela menina/moça, a linguagem nordestina, a sonoridade marcando os versos, figura de linguagem como a hipérbole “Ela só que só pensa em namorar”, a repetição “não come, não estuda, não dorme” e outros recursos usados para enriquecer a canção.

Na primeira estrofe da canção ele vai usar o jogo comparativo entre “Mandacaru” e a “Menina que enjoa da boneca”, mandacaru por ser uma planta resistente, pois resiste à seca e quando chove começa a nascer suas flores, mostrando a fecundidade da terra. Isso ocorre com a menina que enjoa da boneca, na fase que toda mulher passa de menina para moça, e chega nessa nova fase, não quer ser mais vista como uma criança e sim como uma mulher que já começa adquirir corpo de mulher e agir feito adulta, descobrindo um mundo novo, principalmente procurando encontrar o amor “Toda menina que enjôa/Da boneca/É siná que o amor/Já chegou no coração...”.

Assim, ao longo da canção ele descreve essa menina/moça, e modificações que ocorrem não só no corpo feminino, mas no comportamento, pois são marcas da feminilidade da mulher se produzir, “Não quer mais sapato baixo/Vestido bem cintado/Não quer mais usar timão...” a mulher sempre procura ficar mais bonita, pois faz parte da identidade feminina, para que possa ter êxitos nas suas conquistas amorosas.

A letra da música trabalha muito bem com essa identidade da mulher/menina nordestina, principalmente na época que foi escrita, que o pai não tendo o conhecimento dos anseios de uma moça, procura o médico para consultar a sua filha que tem como sintomas todas as tendências naturais do ser “mulher”, “De manhã cedo já tá pintada/Só vive suspirando/Sonhando acordada/O pai leva ao dotô/A filha adoentada/Não come, nem estuda/Não dorme, não quer nada...” Muitas vezes por falta de orientação sobre como agir com as filhas, ou até mesmo não ter conhecimento das transformações que ocorrem com a mulher na fase de menina, para moça, já que na época tudo era um tabu, e o corpo feminino o maior deles, pois elas não podiam expressar seus desejos e medos, pois tudo era algo proibido.

Há muito que as mulheres são as esquecidas, as sem-voz da história. O silêncio que as envolve é impressionante. Pesa primeiramente sobre o corpo, assimilado à função anônima e impessoal da reprodução. [...] Objeto do olhar e do desejo, fala-se dele. Mas ele se cala. As mulheres não falam, não devem falar dele. O pudor que encobre seus membros ou lhes cerra os lábios é a própria marca da feminilidade. (MATOS, SOIHET, 2003, p. 13).

Dessa forma, a mulher desde criança é educada a se calar diante de qualquer transformação que ocorra tanto no seu corpo como nos seus comportamentos sociais, e apesar de ser notada sim, só fisicamente em que aguça o desejo dos homens e se for bonita, é invejada por outras mulheres que se sentem inferiores diante da beleza da outra, isso também é influência da sociedade que estipula a beleza como “cartão de visita” para ser bem tratado, tendo um corpo bonito se é tratada com mais cortesia tanto pelos homens como diante de toda a sociedade.

As canções, elas servem não só para nos alegrar, e acalentar as nossas tristezas, além disso, transporta na história as manifestações sociais, sejam elas dos sujeitos e suas transformações ao longo da vida, pois a música ela repassa situações vividas, ou casos ocorridos em diversas situações, e ai é que percebemos que a mulher é fonte inspiradora de muitos músicos, que descreve a mulher em diversos aspectos, como se pode notar nesta outra canção que trata não somente da beleza, mostrando a sensualidade da identidade feminina descrita na canção.

**Considerações Finais**

Ao concluímos essa Pesquisa sobre a identidade feminina na canção *Xote das meninas* de Luiz Gonzaga, notamos que é o assunto muito rico, e que pode ser estudado com mais profundidade, pois a música de Luiz Gonzaga é um patrimônio cultural e social de vasta dimensão, que se pode ser estudada sobre vários vieses, devido ser uma das maiores manifestações de expressão popular e cultural da Região Nordeste.

Destacamos a nossa contribuição, com uma pesquisa que abrange a identidade de um modo geral, em que o sujeito é condicionado ao meio em que vive, isso se dar também na identidade feminina, que vai transformando sua identidade ao longo dos anos através de muitas lutas, quebrando “tabus” imposto pela a sociedade, e deixando de ser submissa ao homem, impondo os seus próprios pensamentos e desejos.

Nesse sentido, na canção selecionada, percebemos a evolução do comportamento feminino representada por identidades femininas descritas pelo Rei do Baião, que sempre gostou de abordar a mulher em suas letras falando da vida, das inseguranças, das seguranças da força da mulher, principalmente a nordestina que ele descreve muito bem. Mostrando a influência que o social, o econômico e cultural, se fazem presentes na identidade da menina/mulher destacada na canção “Xotes das Meninas”, com a letra mostrando as modificações ocorridas no comportamento feminino.

**REFERÊNCIAS**

BONNICI,Thomas, ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria** **literária:** abordagens históricas e tendências contemporâneas. – Maringá: Eduem, 2003.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. – 11 ed. Edição ilustrada – São Paulo: Global, 2002.

DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros** **textuais & ensino**. 4 Ed. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. 232p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio:** o minidicionário da língua portuguesa. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação de edição Marina Baird Ferreira; equipe de lexicografia Margarida dos Anjos. – 7 ed. – Curitiba: Ed. Positivo; 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro - 11 Ed., 1. Reimp. – Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

MARCELO, Carlos; RODRIGUES, Rosualdo. **O fole roncou!** Uma história do forró. Rio de Janeiro: Ed Jorge Zahar, 2012.

MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel. **O corpo feminino em debate.** – São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MURARO, Rose Marie, BOFF, Leonardo. **Feminino e Masculino:** uma nova consciência para o encontro das diferenças. Rio de Janeiro: Record, 2010.

PRIORE, Mary Del; BASSANEZI, Carla. **História das Mulheres no Brasil**. 9 ed. – São Paulo: Contexto, 2007.